

ASSENTE-SE, A CASA É SUA!



Quem dera a gente poder, prazerosamente, assentar-se à sombra de uma varanda ou, na cidade, morar confortavelmente! Quem dera! O espaço imenso que se descortina do Oiapoque ao Chui mais parece morsa de espremer gente. Já se foi o tempo em que os migrantes deste país continental arrumavam, individualmente, jeito de ficar. É bem verdade, jeito de pobre, assento provisório. Mas o que ruim estava, pior ficou. Para onde ir?...

Do lado onde a corda arrebenta, aos poucos, foi deixando a pergunta de soar no vazio e a resposta, forjada na marra, foi - Assentamentos!

Antônia, no único texto que aborda o tema no meio urbano, apresenta-nos a realidade da capital do Piauí, um caso particular que sintetiza o que ocorre, em nível macro, nas grandes cidades brasileiras: o migrante que se dirige ou se dirigiu num passado recente a um grande centro urbano, já não encontra espaço para morar. As políticas públicas, quando existentes, demonstram claramente já não darem conta da demanda. Surgem as ocupações coletivas e, à margem das regras estabelecidas, impondo "novas legalidades", os pobres vão traçando, a duras penas, sua própria cidade.

Maria Cecília, tendo como base empírica o interior de São Paulo, analisa os que se encontram em estado de identidade indefinida, os que têm como marca a provisoriamente - os acampados. São eles camponeses na origem e urbanos por vivência - no momento nem uma coisa, nem outra - prestes a integrar uma nova organização social, mas ainda revestida de ausências.

Tanya fala-nos de como os assentamentos, na região de Bagé, extremo sul do Brasil, inverteram o tradicional fluxo migratório campo-cidade e de como uma área dominada pelo latifúndio ganha uma nova dinâmica: não só os assentados apresentam uma melhoria em seu nível de vida, bem como toda a região se beneficia da sua presença.

Farid e Andréa alçam vôo. Tomando como objeto de análise os assentamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) em nível nacional, discutem a viabilidade social e econômica representada pelos assentamentos de reforma agrária no Brasil, organizados de forma cooperativada, em especial as Cooperativas de Produção Agropecuária do MST, que integram a Economia Solidária em gestação.

Hildo, Antônio e Rinaldo, num outro viés de análise, debatem o papel da reforma agrária e dos instrumentos de política fundiária no novo contexto de políticas de combate à pobreza rural. O começo da década de 1990 representou a passagem do centralismo das políticas públicas para uma descentralização das funções do Estado, em decorrência do avanço liberal que atribui ao mercado a responsabilidade de condução da economia. Os autores elencam as vantagens e riscos de um modelo e outro, sugerindo uma política fundiária que saiba combinar mecanismos de mercado e instrumentos de intervenção do Estado.

Eduardo não fala de um assentamento específico, nem se reporta a todos, aliás, ele fala o tempo todo de migração. Fala das idas e voltas dos migrantes do Nordeste mineiro, para os quais origem e migração, cidade e fronteira são fios de um mesmo bordado. E os assentamentos? Nessa trama móvel, no momento em que os jovens da região, filhos de assentados, retomam a migração, também os assentamentos se revelam como um momento entre as muitas trajetórias já encetadas, porém, oportunizando aos que hoje partem um aprendizado que não tiveram seus pais quando pela vez primeira partiram.

Alessandra mergulha no interior de um grupo específico - uma comunidade cafuza - cujos integrantes descendem dos sobreviventes da Guerra do Contestado. Na verdade, trata-se de um assentamento que reuniu dois troncos familiares, cada um com sua organização interna independente, calcada em relações hierárquicas de dependência pessoal. Todavia, o fato de terem se transformado em assentados "forçou" a criação de uma associação (pessoa jurídica), única forma para a obtenção de crédito e, conseqüentemente, possibilidade de viabilizar uma experiência de produção coletiva. Viabilizou? É o que mostra e discute a autora.

Por fim, Ely fala-nos dos Tuxá e Pankarú, herdeiros deste chão, cuja sina tem sido a perambulação. Após tantas e muita reivindicação, uma terra conseguiram para se assentar. Mas o assento é por demais tosco e o que sobeja entre eles é a pobreza.

Direca Cutti